

Transcrição do debate entre público e palestrantes

**1. Daniel Brandão da Move Social pergunta:**

Juarez, eu queria perguntar sobre essa questão que você colocou em relação ao quanti e ao quali. Pelo que eu entendi, você diz da causa e efeito atribuído ao quantitativo e aí eu queria uma ponderação sobre como o qualitativo pode se relacionar com esse campo da causalidade, que é um campo de belíssimos debates atualmente no setor. Uma outra questão é que você também traz no quantitativo a história da generalização, da validade externa e também como é que o corpo qualitativo poderia se relacionar com a validade externa ou a generalização das informações que produz.

Para a Ana, eu queria convidá-la a explicitar um pouco mais a integração dos métodos que vocês fizeram na experiência com o Jovens Urbanos. Eu vi um pouco os tipos de avaliação que vocês têm e eu queria entender o que está por trás dessas avaliações, entender um pouco os mecanismos com os quais elas operaram e também refletir um pouco olhando os resultados. Você traz avaliação de impacto e avaliação de resultados – não sei muito bem qual é a diferença entre uma e outra, isso também é um outro debate, mas olhando os resultados da avaliação que você trouxe, parece que não teve resultados sociais. No fundo a gente tem aí um conjunto de aspectos da governança do programa, quando eu olho para os resultados. Então eu queria entender um pouco mais que resultados podem ser produzidos e vistos a partir dos trabalhos que se realizaram.

Fechando toda essa minha pergunta, indo para o próximo slide, tem algo que de alguma forma me preocupa: quando você fala da avaliação de impacto, ali tem alguns do que a gente poderia chamar de resultados sociais. Queria entender se vocês trabalham com a lógica econométrica e como é que foi a lógica econométrica. Vocês acham que só é possível produzir resultados ou fazer leituras do campo social a partir de uma perspectiva econométrica da avaliação?

**2. Paula (??) da Fundação Tide Setúbal:** Minha pergunta vai para a Ana. Eu queria ouvir um pouquinho sobre como se integra na avaliação do Jovens Urbanos a questão do território. Eu sei que você fez uma apresentação mais geral do programa, mas como a gente já foi a São Miguel, a expectativa é ouvir como a questão de ser um território mais ao sul, os outros territórios da cidade são trabalhados.

**3. Bruno (??):** Como é que vocês lidam com a sistematização de dados qualitativos? Muitas vezes a gente se defronta com uma tonelada de informações qualitativas e transformar isso em uma informação sistematizada num tempo viável é o grande desafio que a gente enfrenta, inclusive pra poder dialogar com os dados quantitativos que geralmente têm uma rapidez maior de organização e tabulação.

**4. Arnaldo Motta, Instituto Fonte:** Eu queria fazer uma pergunta para o Juarez. Você traz essa origem da abordagem quantitativa vinculada à questão do realismo, onde você tem uma visão da realidade como uma coisa em si. Parece que hoje essa é uma perspectiva cada vez mais superada. Então como é que a gente consegue sustentar ainda essa abordagem, que é muito forte, sendo que existe já um questionamento tão profundo e arraigado hoje sobre essa abordagem. Queria saber também como é que vocês lá no Jovens Urbanos vivem essa questão de buscar uma avaliação quantitativa e ao mesmo tempo se deparar com essa aparente (talvez) contradição entre uma abordagem realista e uma abordagem que levaria a uma perspectiva mais qualitativa dos resultados do trabalho de vocês.

**5. Participante não identificado:** Gostaria de perguntar para ambos: é possível fazer uma avaliação qualitativa e quantitativa considerando condições estruturais de desenvolvimento das ações, fazendo com que isso reflita no processo e no resultado dentro de uma lógica realista? Por exemplo: eu avalio que a minha estrutura, as minhas condições de desenvolvimento das ações, refletem no processo e no resultado. Isso é possível? Se, por exemplo, você vai desenvolver um processo com resultado e você tem uma determinada estrutura pra isso. Ao longo do seu processo você precisa repensar, às vezes diminuir essas condições ou aumentar, potencializar. Como é que eu

posso aferir qual o momento ou de que maneira eu posso alterar a estrutura em relação ao desenvolvimento do meu processo? Durante o processo você se vê com uma realidade, um cenário, que você não tem estrutura pra atender, para garantir, seja de recursos humanos, físicos (equipamentos), recursos financeiros, enfim. Você desenvolve um processo e atinge as suas metas, mas em compensação você percebe a necessidade da continuidade, de uma pequena mudança na sua rota que iria potencializar as suas ações, seus resultados. Como é que você consegue estabelecer essa matemática?

**6. Martina Rillo Otero, Instituto Fonte:** vocês estavam conversando sobre diferentes métodos, do ponto de vista prático, e sobre os paradigmas... e o Juarez falou de um respeitar o outro, naquele quarto modelo de interposição. Eu queria que você falasse um pouco sobre como seria “um desrespeitar o outro”. Como é que a gente vê isso, como é que a gente poderia perceber isso?

**Ana Luíza:** Respondendo à pergunta do Daniel, primeiro eu gostaria de esclarecer um pouco que referência é essa de avaliação de resultado e de avaliação de impacto econômico. Eu chamei de avaliação de resultado uma avaliação que foi feita por uma consultoria externa, na terceira edição do programa, pela Ideafix. A pesquisa foi feita com a participação dos jovens na fase de projetos, que é uma fase final do programa, e gerou realmente mais apontamentos e constatações em relação às possibilidades de melhoria da gestão do que de resultados, pensando no objetivo do programa. Acho que você coloca muito bem, acho que é isso mesmo.

Aproveito pra dizer que eu também tenho me debatido com a questão de se resultado e impacto não seriam a mesma coisa. Obviamente que um programa social tem a intenção de provocar uma mudança, uma transformação na realidade. Quem executa o programa tem a noção de que não se abarca a totalidade, não se consegue chegar a transformação como se pretende, como gostaria, mas que contribui para pelo menos uma parte dessa transformação. De qualquer forma, essa avaliação que a gente chamou de resultado aqui na minha apresentação, ela foi feita com base em entrevistas e grupos focais, e houve momentos em que os jovens foram ouvidos em relação às mais diversas instâncias e atividades e ações do programa. Realmente os resultados dessa avaliação serviram para redirecionar algumas ações e planejamentos do programa para a edição seguinte.

No caso da avaliação de impacto econômico, é a avaliação feita pelo Itaú Social, que a gente conhece comumente por econométrica, apesar de ser uma avaliação de impacto econômico que trabalha com um método experimental, com grupo controle e grupo tratamento, fazendo então todo um estudo estatístico por meio de técnicas de regressão etc (que eu não domino totalmente, não faço parte dessa equipe – mas o Antonio está aqui representando a equipe que desenvolveu essa avaliação). Ela é uma avaliação quantitativa, que a gente traz para o programa e coloca no desenho da avaliação porque ela traz resultados numéricos que se transformam em ações e em conhecimentos para o programa. A gente só consegue incorporar esses resultados quanti de uma forma aberta, olhando para a prática do programa e tentando redirecioná-los.

**Martina:** Vocês têm perguntas de avaliação para uma e para outra? Só para saber se numa e na outra tem diferentes perguntas...

**Ana Luíza:** Olha, a pergunta da avaliação de impacto é a pergunta que se transforma no objetivo do programa: se há ampliação do repertório social, cultural e econômico (e aí a gente poderia abrir isso em diversas outras sub perguntas). Mas essa é a pergunta que nos guia no programa e obviamente a gente chega ao final tendo feito o percurso de toda essa avaliação de processo, juntando com os dados de avaliações externas, mais pontuais, pra tentar responder aos objetivos. Nem sempre conseguimos finalizar com um grande relatório que organize todos esses dados em um só documento, mas a sistemática está muito ligada às instâncias de participação, então um conselho de acompanhamento serve como uma avaliação final que é central no programa, que é quando a gente vai tratar esses resultados e tentar transformá-los em ações para o programa. Falando um pouco da avaliação que a gente faz internamente no programa, que é essa avaliação diagnóstica e de processo, pensando na integração dos métodos, eu acho que eles estão sempre integrados. No cotidiano do programa, que é complexo e cheio de ações, dificilmente a gente para pra pensar tão precisamente se a gente vai adotar métodos quantitativos ou qualitativos. Já existe um acúmulo muito grande de

instrumentais e tentativas e entradas de pesquisas avaliativas no programa que obviamente não são sempre resgatados e revistos e reformulados. Conversando agora no café com a Maria, a partir da fala do Juarez, eu consegui entender que a avaliação interna que a gente faz no programa é uma avaliação qualitativa com subsídio quantitativo. Tem muitos momentos – por exemplo: a gente faz avaliação no final das experimentações que os jovens fazem (que são as oficinas – cada jovem faz pelo menos uma). A gente aplica um questionário que tem como função avaliar a pessoa que fez a oficina e o conteúdo da oficina. Ele vai dizer pra gente também o que foi que ele aprendeu. Na quarta e na quinta edição, a gente deixou a pergunta aberta (estou tentando responder também à pergunta do Bruno). A pergunta sobre a aprendizagem, que é um nó quando a gente fala de formação de jovens e não só de jovens, é uma pergunta aberta e ela foi arduamente processada, categorizada e estudada por mim. Agora na sexta edição ela vai virar uma pergunta fechada. A gente vai arriscar perder talvez uma riqueza que venha da própria escrita do jovem (que sendo uma pergunta aberta, ela está livre para trazer coisas mais para além da pergunta,) mas estamos tentando estudar e aproveitar um pouco o acúmulo e também pensando na escassez de tempo e no excesso de trabalho que é trabalhar com dados abertos. Em relação à pergunta da Paula, a questão do território é uma questão central no programa. Quem faz o trabalho de formação dos jovens são as ONGs locais. A gente forma esses profissionais, então tem um investimento grande de formação dos educadores e dos coordenadores. Obviamente, o território sendo central, ele tem que permitir ao jovem essa entrada na cidade a partir do território. A gente avalia essa inserção do território, essa centralidade do território, a partir do mapeamento das explorações que são feitas não só no local de moradia dos jovens, mas na cidade toda, como por exemplo as ações de articulação das organizações no território que propiciam a ampliação desse repertório juvenil. A ideia é que a organização consiga se articular com instituições e pessoas da localidade pra que criem-se possibilidades de aprendizagem, não só a aprendizagem mais escolar, de conteúdos, mas uma aprendizagem da cidade mesmo, que ele possa se apropriar do território, que ele possa conhecer o lugar onde ele vive. A gente se depara muito com jovens que não conhecem o seu bairro e muito menos o centro da cidade e a gente tenta romper um pouco com a lógica de que há uma ruptura, um muro entre a periferia e o centro. A ideia é entender a cidade – obviamente ela está dividida, mas a gente tenta achar brechas para que esta divisão se dilua. A gente tenta tirar os jovens de lá e dizer pra eles “-Olha, isso é uma coisa só. Vocês são donos disso. Como é possível se apropriar?” E aí a partir disso surgem muitos conflitos, muitas questões que são levadas para a formação: a questão da violência, das drogas, da criminalidade e diversas outras questões que estão aí e que povoam o mundo juvenil. Não sei se ficou mais claro, mas tem uma centralidade muito grande, o programa está baseado na inserção do jovem no próprio território e isso se concretiza no final do percurso formativo com a realização do projeto de intervenção local, de intervenção urbana. Os jovens passam por um período de formação, vão tentando levantar questões que os instiguem sobre o território, sobre a cidade ao longo do percurso formativo pra chegar no final e conseguir construir um projeto com um grupo. Então eles têm inclusive que negociar com seus outros colegas qual é a questão central que vai levar esse projeto pra rua e aí eles realizam, concretizam esse percurso formativo. Pro jovem é muito importante tornar a aprendizagem algo palpável, ter um produto mesmo que ele possa ver, que ele possa sentir. Eu acho que é aí que a questão do território fica mais forte, que é quando ele vai voltar, conversar com a comunidade, se ele quiser fazer um grafite na fachada de cinco casas ele vai ter que conversar com os moradores, ele vai na subprefeitura, vai pedir autorização... se ele quer fazer um evento de música e dança numa praça ele vai ter que pegar autorização, enfim... é um pouco isso. Bruno, a sistematização é isso: é sempre muito complicada. A gente trabalha com escassez de recurso, de tempo, de recurso técnico, mas a gente dá um jeito. Eu acho que é sempre muito rico. Por exemplo: quanto trabalhávamos com 450 jovens, era uma coisa. Agora a gente trabalha com 960, então por isso eu estou pensando em transformar o questionário de experimentação num questionário totalmente fechado. Tem limites aí, a gente precisa olhar pra nossa realidade e ver o que é possível. Isso é uma discussão que já está antiga, que é essa coleta incessante e absurda de dados no âmbito dos projetos sociais e uma incapacidade (não por nós, mas uma incapacidade estrutural) de processar todos esses dados e transformá-los em respostas ou em

novas perguntas que realmente façam sentido para o programa.

Em relação à pergunta do Arnaldo: Como se resolve essa contradição, esse embate entre os métodos quanti e quali? Como eu disse, a gente não tem muito tempo para teorizar, apesar de que toda teoria é fruto de muita labuta e de muito suor... A gente vai fazendo escolhas muito coladas na realidade do programa e no momento em que o programa está. A gente tem inclusive liberdade para pensar em enquetes ou pesquisas que não foram planejadas. Às vezes a gente se depara numa discussão, como por exemplo agora, com a questão da religião. Isso é uma coisa forte e a gente tá pensando em fazer uma pesquisa que dê conta de trazer um pouco esse cenário das escolhas dos jovens em relação à religião. Então a gente acaba combinando os métodos, os referenciais... a gente parte de um paradigma que a realidade é uma construção social. A gente tá, no programa, longe do método experimental, mas a parceria que existe entre a Fundação Itaú Social e o CENPEC na concretização do Programa Jovens Urbanos, permite que a gente consiga discutir na mesma mesa, e trazer riqueza para o programa, uma avaliação quantitativa de peso, com muita estatística, com coisas muito específicas, como a avaliação de impacto econômico. Isso eu acho que é uma riqueza, fruto de uma relação muito boa com quem coordena a iniciativa, que é a Fundação Itaú Social. (- A outra pergunta era pra mim também? Ou era só para o Juarez?)

**Participante não identificado:** (retomando a pergunta que já havia sido feita) Olha, simplificando: você avalia estrutura? Você avalia processo? Avalia fragmentadamente ou você avalia estrutura-processo-resultado?

**Ana Luíza:** Olha, eu parto do pressuposto de que toda avaliação é uma escolha. Acho que a pretensão de abarcar a totalidade só levaria à frustração. Como é uma pergunta, ela parte de um lugar e ela tem um destino. Mas no planejamento, o Programa Jovens Urbanos é um programa que se preocupa muito com o planejamento estratégico. Então todo final de edição a equipe se reúne, sai do CENPEC e passa uma semana quebrando a cabeça, trazendo todos os resultados de monitoramento, de avaliação, de conversas, de reuniões, das falas dos jovens e das nossas vivências nas organizações, pra replanejar a edição seguinte. Obviamente esse planejamento se dá a partir de um orçamento, e aí tem toda uma programação, um cronograma, que vai se desenvolver a partir disso. É trazendo os resultados para os momentos de planejamento que você consegue olhar pra estrutura e ver se é preciso mudar – e isso colado com o recurso que você tem. O sentido da avaliação no programa Jovens Urbanos é exatamente esse: perguntar e voltar para o programa, e que isso se transforme em ação, sempre pensando que é possível fazer melhor. Obviamente que têm coisas que se mantêm: “ah, tá ótimo assim”, vamos manter. Ou “não está tão bom”, vamos fazer melhor. Então é isso...

**Juarez:** Eu vou tentar dar resposta aqui às várias questões em um bloco só e aí se não for contemplado vocês me avisam.

Recentemente eu tive contato com o trabalho de uma jornalista, uma repórter chamada Eliane Brum, que talvez muitos de vocês conheçam. Ela faz um jornalismo que ela considera, e é de fato, diferenciado, porque ela tem uma crítica à forma como a imprensa banaliza as coisas. Ela até lançou um livro com as reportagens dela e nessas reportagens fala, por exemplo: “eu fui mandada pela minha revista para ir à Vila Brasilândia falar sobre tráfico e violência”, que é obvio que é a grande questão que a gente atrela à Vila Brasilândia. Mas ela foi lá, se hospedou uns dias e conta que partiu do pressuposto de que se lá só tivesse violência e tráfico, as pessoas se matariam, porque como é que você vive o dia inteiro em uma situação dessa, né? E se as pessoas não se matam, o que é que tem para além disso, o que é que justifica que as pessoas continuem lá? Ela se hospeda então em uma casa, vai vivendo lá alguns dias e conta que no fim o que ela viu lá são histórias de amor e de cachorro. Não de amor de cachorro (risos), mas histórias de amor e histórias de cães. E aí ela vai atrás disso e monta uma reportagem que é efetivamente publicada em uma revista de grande circulação nacional, sobre a Brasilândia, mas dessa perspectiva. Nesse livro em que ela coleta essa reportagem tem várias outras nesse sentido e ela tem sempre essa sacada de ver para além. Ela não foi lá de novo reforçar na mídia, para nós, que a Brasilândia é tráfico e violência, que a gente já sabe (que é também). Agora com ela a gente sabe que tem outras coisas para além disso. Eu to

dizendo isso porque eu acho que a avaliação, se ela não prestar atenção, ela pode reproduzir esse tipo de posição do jornalista, entende? Que vai lá pra reforçar o que já existe até porque é mais legitimado. Quando você reforça o que as pessoas já acham, todo mundo sai satisfeito porque ninguém tem que pensar ou que ninguém se sente contrariado e é isso mesmo: Brasília é tráfico e violência, as pessoas lá não amam. Mas só que uma coisa é a gente pensar e a outra é efetivamente é fazer, tanto que ela é a única que eu conheço que faz isso num universo de quantos mil, ou milhões, de jornalistas né?

Agora, avaliação também... eu tenho trabalhado isto com uma colega – a ideia é de que ela deve ser sensível ao não previsto naquele projeto, mas que no entanto acontece, que se não acontecesse, aquele projeto não funcionava. A gente acha que se a avaliação não for permeável a isso a gente deixa escapar boa parte do que é verdadeiro, do que é real, que sustenta aquilo que a gente está avaliando. Aí é aonde a gente pode ter alguma surpresa. Uma boa ilustração disso eu acho pedagógico é a tal da greve branca por exemplo da polícia federal nos aeroportos. O que que ela faz? Pelo menos o que eu entendo dela é o seguinte: é que eles só cumprem, quando tã de greve branca, o protocolo, não é isso? Tudo que é mandado fazer eles fazem. É suficiente para emperrar a vida de todo mundo. Então o que é que a gente pode pensar? Que na verdade eles não fazem o que tá previsto pra que possa funcionar, não é isto? Porque quando a gente chega num aeroporto que está em greve branca você se ferrou, né? Porque vai ficar lá horas e horas. Quer dizer que no dia a dia, quando a gente não se ferra, algo está sendo feito e que não está escrito. Acho isso de uma inteligência soberba! Não, não está em greve, só estão fazendo o que ce mandou fazer...

Então a avaliação precisaria ter a sensibilidade pra ver coisas que... nós todos sabemos – todo mundo aqui é adulto, sabe que tem coisas no dia a dia, que no Brasil a gente chama jeitinho, noutros lugares tem outro nome (que eu acho que o jeitinho não é só brasileiro), que sustentam um monte de coisas no mundo, na vida. Então como é que a gente pode fazer uma avaliação que vai lá e evidencia esse tipo de coisa? Retomando aquela ideia de que quando o planejado encontra a realidade dá uma outra coisa, que outra coisa que dá? Que bicho que dá? Mas aí é que tá, se agente também planeja uma avaliação muito planejadinha e aí tenta fazer ela acontecer muito planejadinha, também está reproduzindo a mesma questão. Então é nesse sentido que essa questão – se é positivista, pós-positivista, qualitativa... – ganha algum sentido porque se a gente estrutura demais, se a gente tem uma concepção muito exteriorizada ou imutável, a gente pode deixar escapar por entre os dedos coisas que interessam. Isso quando a gente quer avaliar de verdade, né? Porque quando a gente só quer reproduzir o status quo, aí serve... Mas estou dizendo de, realmente, como no caso a jornalista citada, a gente querer ver os cheiros, os sabores, as cores, o que está para além, né?

E aí essa questão – até queria também dizer que essa questão positivista, versus realista, versus quali, versus quanti, é muito antiga e ela persevera porque não está resolvida, obviamente, né? E por mais que a gente fale, eu tenho uma preguiça de falar de cartesiano, disso, porque eu acho também a gente cita tanto que enche o saco... Mas é claro que a gente é uma sociedade positivista. Óbvio, né? Por exemplo, ainda pegando um repórter ou outro de exemplo: enquanto a pessoa não chora ele não fica satisfeito, entendeu? Mas porque? Isso é positivismo! Se o cara perdeu o filho precisa ficar perguntando “O que você achou de perder o seu filho?” Bom, mas claro, não é que ele queira saber a resposta, porque ele sabe a resposta, mas quer uma manifestação positiva pra que nós possamos falar “ah, ele realmente está sofrendo”

As igrejas, por exemplo. Quem conhece uma sala de ex-voto, sala de milagres? Os milagres são absolutamente positivos. Quer coisa mais positiva que milagre? Eu estou falando de religião, hein? E a religião é positivista também. A sala de ex-voto é onde as pessoas colocam as graças alcançadas. Ninguém faz uma poesia dizendo que passou a amar diferente. Lá e assim: é uma muleta que eu deixei de usar, são dados evidentes, constatáveis. Mesmo os milagres da bíblia são positivos: é levanta-te e anda, transformar a água em vinho, não é? Não tem milagre sutil (risos). Porque a gente é muito... Eu acho que tem milagres sutis, estou só dando exemplo de como a gente é positivo, na verdade. Que se não tiver transformado a água em vinho não é Deus, não é Jesus, não é! Tem que ser a água em vinho! (risos) Então a gente acaba mesmo... As redações de textos elas

começam sempre com um caso tal, mas depois caem nos números, por exemplo: A dona de casa comprando tomate e tal, depois fala que o tomate já subiu tantos por cento, que a produção mundial de tomates isso e aquilo... é porque a gente, no fundo (no fundo, na superfície, enfim), é muito positivista né? Por isso que eu acho que o debate continua, ele é antigo e permanece porque é uma questão em aberto. E nem sei se vai se resolver, nem sei se deve se resolver, eu acho que tem tensões que a gente não pode mesmo... Porque quando acaba na verdade é porque pode ser que algum lado foi anulado e aí acabou o debate, né? Então não se resolveu. Só que eu particularmente acho especialmente interessante um referencial qualitativo por várias questões que a gente não vai discutir aqui hoje. Então acho que tem que ter um avanço, tem que ter um espaço maior, porque se a gente é uma sociedade tão positivista, a imprensa é positivista, tudo é tão positivo falta depois espaço para as coisas que são da ordem da qualidade e não da intensidade, mas enfim... Eu acho que é um debate que está sempre colocado e por essa mesma razão, Daniel, eu acho que essa ideia de generalização, de causa e efeito, tem... o (cita autores - ??) mesmo traduziram para o referencial quali: o equivalente à generalização é tal no referencial quali, a validade interna é tal, tal... Eu acho que é bom eles terem feito isto porque mostra que você pode ter outros critérios de rigor na pesquisa quali. A pesquisa quali também não pode ser oba-oba, né?

Não pode ser uma coisa “- ah, porque eu acho”, “let it be”, “laissez faire”. Só que o rigor, quando se trata dela, a gente não pode tentar aplicar o mesmo, porque senão a gente vai incorrer nos mesmos erros que a gente faz quando esquece que elas estão atreladas a outros referenciais, né?

Então, pensando bem: o que é que me dá a capacidade de generalizar algo que foi estudado de maneira qualitativa? Nada. Porque se o quali se estrutura em cima de um caso e tenta aprofundar mais o caso, ele quer a nuance, como é que eu vou pensar então que o que eu estudei aqui em São Paulo vai se aplicar a Manaus? Na pesquisa quanti eu supere um monte de fatores que podem confundir e tal...

Alguém da plateia: Gostaria de fazer uma sugestão: você poderia fazer uma comparação dessa coisa do quali e do quanti com a questão, por exemplo, do IDH e esse índice, que foi lançado recentemente, que é o índice de valor humano, o IVH....

Juarez: é, talvez eu toque um pouco nesta questão, mas só terminando...

O que é que me dá rigor então num estudo de caso? É deixar muito claro, para quem for ler o caso que eu estudei, qual é a minha perspectiva. Que você tenha muita clareza de todas as peculiaridades, inclusive do próprio avaliador, de tal modo que você possa falar: isso eu não concordo, isso eu não faria, ou ele fez este jeito porque tem essa implicação. Ciente disso, você pode colher para você aquilo que te interessa pra aplicar em Manaus, por exemplo. Então uma das formas de rigor na avaliação qualitativa é justamente a transparência de como você chegou naquilo. A tal da transferibilidade que o (cita autor) vai dizer.

Agora, realmente, uma das questões da avaliação quali é a geração de muita, muita informação. Como eu faço com tudo isso? Coloquei o pessoal para falar e eles falaram, e agora?

Uma estratégia que a gente usou quando a gente avaliou uma rede campineira ligada à saúde mental foi assim: a gente fazia grupos com eles – e tinha muita gente, muito grupo, uma coisa realmente intensa – e os grupos de discussão eram gravados e a gente fazia uma narrativa daquele grupo.

Porque a transcrição é enorme, né? Então você faz uma narrativa na terceira pessoa, nós dissemos, nós aquilo e tal, pra dar uma enxugada. Nessa narrativa, que era legitimada com eles depois, na oficina seguinte, a gente tirou quais eram os núcleos argumentais: o que é que está sendo dito aqui a respeito de tal questão? (porque, claro, a gente tá avaliando sempre questões que são prementes).

Então o que é consenso, o que é dissenso, o que são questões que a gente pega? E numa terceira oficina a gente trabalhou com eles – aí já era oficina mesmo, porque uma pesquisa avaliativa pra ser (graças a deus) usada. Então para esse conjunto de pessoas, nesses vários grupos, essas são as principais questões, os núcleos argumentais. O nome núcleo argumental não é a toa, porque o que a gente quis pegar nesse oceano de palavras, do que foi dito, o que era nuclear ali, sobretudo como questões – e consensuar isso entre eles – algumas eram de fato, outras nem tanto... tá, essas são as questões, como é que a gente opera com elas? E os vários atores estavam reunidos – SAMU, Atenção Básica, CAPS, etc, e aí tiramos ações, indicadores, etc. Uma forma que a gente tem usado

pra trabalhar dados qualitativos é essa ideia de núcleos argumentais, que tá explicado num livro que a gente publicou sobre a experiência dessa pesquisa avaliativa da rede de saúde mental em Campinas.

Em relação a indicadores: eu particularmente acho muito interessante indicadores. Desde que bem usados, indicadores mesmo. Eu tenho até uma certa dificuldade pra entender indicadores qualitativos, talvez cognitiva, porque eu leio, leio, ouço as pessoas e não consigo entender indicador qualitativo – mas talvez não seja um problema cognitivo, acho que eu não concordo (risos). Mas os indicadores, eu acho que eles têm uma função... O IDH, que foi criado no começo nos 90, já era uma superação da ideia do PIB como único indicador e ele traz também a ideia de ser índice e não indicador, né? Que é uma boa ideia, mas pode ser traiçoeira também, porque é uma composição de indicadores que ele juntou ali.

Eu vejo questões interessantes no referencial quali, mas acho muito interessante que exista e que se desenvolva o referencial quanti. Eu não falo esse tipo de coisa “- ah, indicador não serve”, eu acho que ele tem as suas vantagens.

Essa pergunta da Martina é muito boa: quando um referencial desrespeita o outro? Eu coloquei assim: o primeiro desrespeito é quando você coloca tudo na mesma sacola e acha que é tudo igual. Não é. Se eu acho que a realidade é construída, ou não acho, isso tudo faz diferença. Agora, quando integra, é um problema quando a gente objetiva dados subjetivos, a gente desrespeita ou subjetiva coisas que são objetivas. Quando é que isso acontece? Quando eu pego o que saiu dos grupos e começo a mensurar quantas vezes saiu essa palavra, faço uma análise quantitativa (tem até programas de computador que fazem esse tipo de coisa), mas eu acho que aí você perde algumas coisas que são interessantes. Outra – e aí eu acho que é a má-fé é que leva a isso – é quando você tenta subjetivar coisas que são da ordem objetiva. Por exemplo: dados que mostram que os trabalhadores passam mais tempo em reunião e tomando café do que efetivamente com os pacientes. É claro que isso dá pra discutir, mas não dá pra subjetivar “- ah, mas porque eu acho que talvez não seja o caso...” Tem alguns acordos que já estão dados, é pra atender, então não dá pra a maior parte... Quando algumas evidências surgem as pessoas tentam subjetivar, na verdade é um deslize que se faz e aí o desrespeito pode aparecer.

Agora a questão da fala do colega ali, sobre o processo, eu vou pegar algo que me remete – e que eu tenho pensado mais recentemente. Quer dizer, já pensei isso há mais tempo mas quando a gente vive a coisa é melhor, né? Atualmente a gente tem feito um trabalho de avaliação dos CAPS, que são esses Centros de Atenção Psicossocial de São Paulo – são 24 horas e estão ligados a atenção a crise e tal. Junto com a pesquisa a gente tá produzindo um curso de um ano pros trabalhadores desses CAPS que estão partilhando a pesquisa com a gente – não todos, só dois trabalhadores de cada CAPS, porque é São Paulo inteiro, então são 60, sendo que 30 acompanham na UNICAMP e 30 na UNIFESP. Então é um jeito dos parceiros que estão na ponta de fato, participando, participarem de maneira qualificada, porque às vezes a gente chama pra participar da avaliação... porque a gente sabe de avaliação, mas... quem tá na ponta sabe, mas não do jeito que a gente vai trabalhar a avaliação. Então esse curso é uma oportunidade de ao mesmo tempo partilhar um processo de avaliação, mas partilhar também a teoria da avaliação com eles e torná-los parceiros de fato. E não é uma coisa de um dia, é um ano. Começou em fevereiro e vai até dezembro.

Desenvolvimento de indicadores e tudo o mais. Mas por que eu to dizendo tudo isso? Porque eu acho que talvez o maior efeito dessa história é esse ano, o ano que vem talvez já não tenha tanto efeito, mesmo que a gente vá desenvolver instrumentos pra avaliação, que eles vão poder desenvolver isso nos serviços deles e tal, mas eu acho que um dos maiores produtos da avaliação é o processo – ou pode ser o processo. Nem sempre é, mas dependendo da forma como você trabalha, o grande produto é justamente o caminho, o percurso. Porque aí se mobiliza, aí se revê, aí se aplicam questionários no serviço e veem coisas que eles talvez não tivessem tempo de ver ou de sistematizar... Porque é gente da lida, então estão ali lidando e a coisa já tem outro destino.

A avaliação depois de feita serve mais para os gestores, porque quem está na ponta, se eles estiverem realmente envolvidos, eles já... ninguém é besta... se eu já vi que tá torto eu já desentorto (risos). Não é? Porque é que eu tenho que esperar uma avaliação até o final, relatórios e tal, pra

dizer que tá torto... Porque as pessoas são inteligentes, elas estão lá sustentando aquilo todo dia e se já viram que está torto, não vão esperar o relatório. Então vai valer pra quem não está lá ver que a coisa tá torta e, se for legal, dar subsídios para que desentorte e, se não for legal, só usar para controle, que é um dos usos possíveis da avaliação. Acho que é isso, mas é debate, né?

### **Passagem para mais uma rodada de perguntas da plateia:**

**Tião:** Eu gostaria de pedir a vocês, se fosse possível, que se aprofundassem um pouco mais a respeito do que foi aí demonstrado sobre impactos. Eu tenho uma compreensão do impacto social como algo que reverbera, que se amplia e que se alarga e se pratica em algum lugar. Transforma, muda alguma realidade. Essa é a minha compreensão de leigo. A ideia do impacto econômico bem demonstrada aí no Programa Jovens Urbanos, deu-se em relação aos jovens do projeto, aos jovens do bairro, aos jovens da cidade? Que jovens? Aos jovens do Brasil? Como é que se mede essa ideia do impacto econômico para os jovens? E que jovens? Eu vejo como exemplo a questão do Bolsa Família, um programa federal que trabalha justamente a questão da melhoria da renda das pessoas. Em alguns lugares não causou impacto. No Brasil, por exemplo, talvez não seja ele o responsável pelo impacto do aumento de renda da classe média. Então me intriga essa avaliação, mas cabe aí um aprofundamento dessa ideia, da questão do impacto. Será que se o impacto econômico usado dessa forma, para estes jovens, se referindo como à cidade de São Paulo, também não causou impacto social? De que modo eu posso medir o impacto social? Porque eu comprei um tênis? Ou o comércio do meu pai, da minha região se aqueceu mais? Estamos frequentando mais cinema, mais teatro, com mais verba? Estão circulando melhor com essa história? Os jovens estão melhor economicamente, é isso?

**Maurício:** Duas coisas. A primeira, sobre o seu último comentário (para o Juarez), sobre a questão de “se está torto, quem está na ponta desentorta”, às vezes me parece que pode acontecer de estar torto e o agente não saber que está torto. A nossa ação não é transparente pra gente, então só queria trazer essa possibilidade pra gente discutir. A avaliação também se dá porque a gente não tem total clareza de se aquilo que a gente está fazendo está nos conduzindo pelos caminhos que a gente pretende seguir. Então pode estar torto e a gente não saber. A segunda coisa, eu queria que vocês falassem um pouco mais sobre as potências que as duas abordagens trazem, porque eu penso que se faz sentido falarmos sobre integração, é sinal que uma reconhece na outra sinais, qualidades presentes na outra e que podem enriquecer o seu lugar, os seus interesses. Eu queria ouvir um pouco quais são as possibilidades que as abordagens qualitativas podem trazer que podem enriquecer as abordagens quantitativas e vice-versa, se vocês tem algo que possa clarear um pouco mais essa possibilidade de integração.

**Marcos, Liga Solidária:** Eu gostaria de perguntar porque é que a gente sempre coloca o qualitativo e o quantitativo como diferentes, se o quantitativo não seria, já que a gente está falando de realidade, um ponto de partida e não necessariamente uma diferença.

**Juarez:** Bom, em relação ao impacto, até interessante isso porque eu falo o tempo todo e estou pensando em avaliação de serviços e você pode pensar em avaliação de políticas públicas. Pensar, avaliar coisas numa magnitude muito ampliada... aí os instrumentos são outros, né? Eu concordo com você, o impacto é aquilo que amplia. Conceitualmente o pessoal trabalha a ideia de impacto dos resultados a longo prazo. Ouvindo você, eu fiquei pensando que todo esse crescimento econômico e tal, ele é meio, ele não é fim. O que será o impacto disso daqui uns anos? Será uma sociedade mais civilizada, mais fraterna... será? Ou será que vai ficar uma sociedade o tempo todo tendo como meta só isso: mais crescimento econômico, mais crescimento econômico... Na verdade eu só concordo com você, acho que é sempre uma questão mesmo assim. Pensar mesmo o impacto daquilo que a gente faz, a ampliação daquilo no tempo, o que é que permanece? De certa forma é por isso que eu estava falando que talvez o maior impacto do processo avaliativo – pensando o processo – seja justamente o que ele suscita nas pessoas, a aprendizagem durante. Em relação à questão do torto que eu exemplifiquei, sim, eu concordo com você. Avaliação se faz porque a gente não sabe algumas coisas, senão a gente faz gestão mesmo, que aliás dá conta de 90% do que precisa, ou mais. Mas o que eu estava querendo dizer é o seguinte: é que durante o processo

avaliativo, justamente porque teve o processo de avaliação, você teve a percepção do que é que tava torto. E que você não precisa esperar chegar ao final do processo avaliativo pra aí tomar decisões. O que eu estava querendo ressaltar é que eu tenho a impressão de que a maioria das tomadas de decisão por quem opera de fato, dentro da governabilidade que essas pessoas têm, são feitas justamente no transcorrer. Não é o relatório que vai... Pra quem não está na ponta, ali, aí sim o relatório vai vir com informações que aí eles podem disparar ações e tal.

**Martina:** No transcorrer da avaliação, não necessariamente do projeto. Porque eu acho que o que o Maurício estava trazendo é que às vezes a gente não enxerga durante a execução do projeto o que está acontecendo. Às vezes as pessoas confundem processo com projeto, com processo de avaliação.

**Juarez:** Isso, é nesse sentido que estou falando. No processo da avaliação.

Agora essa pergunta de o que eles trazem de enriquecedor, eu acho que sim, os dois trazem coisas que um não traria. Por exemplo, nessa pesquisa que a gente fez aí dos núcleos argumentais, a gente estava muito interessado em saber com quem está na ponta dos serviços novos quais são as questões, os problemas e como é que eles operariam, ou sugerem as soluções, etc. Ainda mais, como é gente da mental, que já trabalha muito a questão da subjetividade, então era um universo de questões muito intrínsecas, entende? Que estava dentro do referencial que a gente estava operando como um referencial maior. Mas tinha hora que a gente precisava de um respiro e de ter algum dado minimamente estruturado. Como subsídio até para a discussão. Por exemplo, dos pacientes, quantos tomam mais de quatro medicações? Mais de cinco, seis, sete ou oito? Foi feito um estudo profundo e importante sobre isso porque não são poucos, infelizmente, que tomam uma batelada de medicação com repercussões muito importantes para a qualidade de vida deles. Por isso não dá pra ficar só em “o que eu acho do serviço”, “quais são as questões”, mas objetivar algumas discussões e aí você pode tirar consequências delas, e ações. Estou dando um exemplo mínimo, mas teve outras estratégias mais voltadas ao referencial quantitativo que iluminaram questões, que dispararam outras... então há potencialidade, mas há momentos também que se você ficar só com a estrutura, só com os números, falta significado, falta outras coisas que as pessoas têm a dizer e que não estão contempladas ali. Eu acho que a compreensão ela é dada sobretudo por esse outro referencial, mas tem contribuições. Agora como dosá-las é que é o grande desafio.

**Ana Luíza:** Em relação a impacto, eu concordo com você, concordo com o Juarez. Eu acho que o objetivo de um projeto, de um programa social, de uma política pública, é transformar a realidade, é melhorar as condições de vida das pessoas que estão ali sendo atendidas, participando do projeto. No caso específico da avaliação de impacto econômico realizada pela Fundação Itaú Social, tem uma escolha por uma metodologia experimental, que trabalha com um grupo de tratamento e grupo de controle. Grupo de tratamento são os jovens que passaram pelo programa Jovens Urbanos e grupo controle são os jovens que a princípio poderiam ser pareados com esses jovens do Jovens Urbanos com relação a perfil socioeconômico em diversas variáveis. No estudo todo é feita uma comparação entre esses dois grupos e o que sustenta o resultado da avaliação é uma projeção sobre os jovens que participaram do programa, caso eles não tivessem participado, o que teria acontecido.

**Alguém da platéia:** mas isso não é resultado?

**Ana Luíza:** Não, então, o resultado da avaliação ele é exatamente o resultado da diferença entre o comportamento do grupo tratamento e do grupo controle, sendo que o grupo tratamento passou por uma experiência que o grupo controle não passou. Há todo um estudo estatístico de isolamento de variáveis, regressões, etc, que levam a crer, a supor, que o programa em questão implicou, gerou certos resultados por exemplo na empregabilidade, na maior procura por formação profissional, no aumento da frequência do hábito de leitura e no aumento da renda, que no caso aqui foram os resultados que eu apresentei, que foram os resultados mais importantes. Esse é um impacto verificado na vida desses jovens. Ele é generalizável quando você busca comparações com outros estudos. No entanto é sim um estudo de caso, mesmo sendo quantitativo. Há uma metodologia específica do programa Jovens Urbanos, há um calendário, há uma agenda, um cronograma de ações específicos do programa. Então há esse impacto, mas ele está referido ao programa. E ele é significativo porque conseguiu, de acordo com a aplicação de uma metodologia que é transparente,

que está aí para todo mundo conhecer, verificar realmente certa mudança. Algumas coisas mudaram, outras não. Por exemplo: não houve aumento da escolarização dos jovens. Os jovens que participaram do Jovens Urbanos não procuraram, não entraram no ensino superior mais do que os outros. Não houve, portanto, a partir de um estudo estatístico, um impacto do programa Jovens Urbanos nesse âmbito da vida dos jovens. Mas o entendimento vai depender de o que você considera como impacto. Por exemplo: o impacto de uma política pública como o bolsa família, ele é muito maior do que um programa como o Jovens Urbanos, não há pretensão de que um programa como o Jovens Urbanos, que é financiado com recursos privados, impacte tanto quanto uma política pública, mas sim que isso possa servir de exemplo para que uma política pública maior seja desenvolvida.

**Tião:** mas a ideia de impacto, para mim, ela não atinge apenas a mim enquanto participante do programa, mas que isso possa reverberar no outro.

**Ana Luíza:** Eu entendo o que você está falando, mas entrando um pouco na questão do território que a Paula falou: há impactos no território que a gente não mede como avaliação específica, mas a gente sabe que tem. Por exemplo, essa é a quarta edição que a gente está no Lageado e no Grajaú. A gente percebeu que a idade dos jovens inscritos, começou a diminuir. A deslocar a massa de jovens que estavam entre 17 e 18, para 15 e 16, 17. A gente tem algumas hipóteses. Uma das hipóteses é o impacto da presença do programa por mais de quatro anos nos mesmos territórios, porque os jovens, apesar de serem uma população ativa e numerosa, eles estão meio naquele mundinho ali... e um fala pro outro, o outro fala pro um, então o irmão mais velho fez na edição anterior, quem tá fazendo agora é o irmão mais novo, o primo. Outros impactos, por exemplo, o impacto na gestão das organizações, isso é muito forte, de fortalecimento institucional das organizações, da inserção delas no território, do crescimento institucional, da incorporação de tecnologias sociais, de busca de recursos privados, entrada em outros âmbitos das políticas públicas do território... a princípio, são impactos que a gente espera, mas que a gente não mede porque a gente não consegue medir tudo... Quer dizer, tem impacto no jovem, tem impactos no âmbito do território. Acho que o que a gente pode falar do programa Jovens Urbanos é isso, é esse tipo de impacto.

### **Passagem para a última uma rodada de perguntas da plateia:**

**Lia, Catraca Livre/Aprendiz:** Ouvindo essa história do impacto, eu fico pensando bastante na questão do pós, que lá no Aprendiz a gente tem bastante essa dificuldade. Então uma pergunta é: nesse processo de acompanhamento de um programa que já tem 5 edições, está indo pra 6ª, vocês conseguem fazer ou, se não fizeram ainda, se tem uma perspectiva de fazer uma avaliação com quem já passou? Vocês incluíram agora a história dos ex-participantes... agora a questão do impacto: aumenta a renda enquanto tá no programa? Depois? Um ou dois anos depois, que mudanças aconteceram na vida desses meninos em relação a todos esses pontos que foram avaliados?

**Daniel Brandão:** Eu queria fazer um breve comentário: eu tenho medo de a gente estar com uma falsa questão, que é essa relação entre resultado e impacto. Eu tenho participado de alguns fóruns e eu tenho visto muito esse debate e eu nunca vi esse debate indo pra lugar nenhum. Então eu colocaria duas coisas, primeiro: depende do glossário do projeto. Tem projeto que chama de resultado, tem projeto que chama de impacto, tudo bem. Eu acho que a falsa questão é esse debate semântico, porque no fim o que é importante é a pergunta. O que se quer responder? A pergunta diz respeito à população, ao território, à nação? Então eu deixo aí uma reflexão para a mesa: será que é importante discutir isso ou será que não vale mais à pena ir à raiz da questão que é exatamente a pergunta que queremos que a avaliação responda.

**Ana Luíza:** Lia, a gente pode depois conversar por mais calma sobre a metodologia da avaliação de impacto da Fundação, mas faltou na minha fala mesmo: esse impacto que eles medem é justamente com os jovens depois de saírem do programa.

**Lia:** Na verdade a minha pergunta era mais simples... vale a pena, a gente, depois de cinco anos conseguiu perceber que vale à pena acompanhar o quanto depois? Como uma pergunta, mesmo. Dois anos depois faz uma diferença? Logo que eles saem? É nesse sentido, a minha pergunta.

**Martina:** Essa [avaliação] foi feita quanto tempo depois?

**Ana Luíza:** Dois anos a três anos. Um dos impactos que eu mostrei aqui, mas que aparece é a vinculação dos jovens que participaram do programa Jovens Urbanos a coletivos e movimentos sociais mais do que os que não participaram. Isso é uma coisa super rica e a gente vira e mexe tá no território e encontra jovem que vem contar “- Estou no coletivo, depois do programa Jovens Urbanos entrei numa história, estamos fazendo uns movimentos aqui no território”, enfim... São casos e histórias que a gente não consegue captar com nenhum movimento, mas que a gente tem contato mesmo, real, na vida e no cotidiano do programa. Em relação ao debate semântico eu acho que é isso mesmo, que não vale a pena a gente ficar discutindo aqui. E a pergunta é sempre a mesma: se a avaliação é de diagnóstico, processo, resultado, impacto, a gente quer saber, no âmbito do programa Jovens Urbanos, se a gente consegue ampliar esse repertório do jovem. Essa é a pergunta central e existe uma matriz extensa que detalha como é que a gente pode responder a essa pergunta, mesmo sabendo que com todo esse detalhamento que não é o suficiente. A realidade do projeto impera sempre sobre essas escolhas.

Bom, agradeço ao debate, foi muito bom, espero que vocês tenham gostado e que continue aí esses debates incríveis do Fonte pra gente ficar bem feliz (palmas)

**Juarez:** Para além da palavra, eu acho que há discordância na mesa. Eu não vou me estender muito, mas eu acho que nós avaliadores temos uma posição diferente na sociedade. A gente é mais chato, porque em lugar de ficar cantando parabéns pra criança, sentado, no dia do aniversário, a gente quer ver depois de alguns anos o que é que deu no moleque, né? (risos) Ou, depois que cortou a faixa do serviço, o que é que deu esse serviço, depois de um tempo? A gente volta depois da festa, né? Eu já vi isso há um tempo atrás aí, de ministro cortando faixa e depois de um ano o que será que deu isso aí? Porque eu vi na hora que tava inaugurando, na hora da festa tava bonito, mas e depois? Então acho que tem uma preocupação nossa com o resultado e eu acho que deve ter uma preocupação nossa também com o resultado a longo prazo. Uma das formas de chamar isso é de impacto. Eu acho que vale a pena a gente ter atenção pros dois aspectos, esse mais de curto e este de longo e o longo é mais difuso, mais complicado mesmo de a gente fazer isso. Mas é um debate, uma pauta para os próximos encontros do Fonte.

Eu queria muito agradecer essa manhã aqui com vocês, foi um prazer partilhar as nossas agruras, as nossas questões, porque esse debate é, na verdade, em torno de gente que é minoria e que nada contra a maré, que somos nós que estamos preocupados em avaliar as coisas. E avaliar porque a gente acha que as coisas podem ser melhores, então, olha quanta gente querendo que as coisas fiquem melhores, né? Então agradeço a vocês e mais uma vez agradeço o convite (palmas).

**Antonio Bresolin:** Gente, só antes de finalizar eu gostaria de falar que o que eu acho importante com relação ao programa Jovens Urbanos é que a avaliação de impacto que a gente está falando aqui está disponibilizada no site do Itaú Social, tem um relatório contando como ela foi feita, qual a metodologia, que tipo de impacto que a gente está falando, o que foi analisado. Teve uma avaliação na primeira edição do programa, outra na terceira edição do programa e depois mais uma segunda avaliação na terceira edição do programa. Tudo isso pra dizer pra vocês que, acho que o que foi falado aqui de integração de métodos, de diferentes olhares, a fala sempre é essa: eles são complementares, mas como é eles podem de fato dialogar, contribuir? Acho que a gente está buscando formas diferentes para responder questões relacionadas àquilo que o projeto se propõe a fazer. E tem diferentes formas e concepções de se fazer isso. Acho também que tem muito desconhecimento ainda a respeito de uma metodologia quantitativa, como ela pode ser de fato implementada, que contribuições ela pode dar... recomendo a quem tiver interesse a acessar o site da Fundação Itaú Social, lá tem bastante informação sobre essa metodologia quantitativa que a gente costuma trabalhar.

**Juarez:** Eu gostaria de falar rapidinho: eu esqueci de fazer uma referência a um livro sobre esse tema, no qual os autores fizeram essa aproximação de dois métodos. Eles mostram o que fizeram, como fizeram, os resultados e os bastidores. Chama “Avaliação por triangulação de métodos”, da Minayo (uma das autoras, que são várias), da editora da Fio Cruz. É de um grupo de estudos da violência, um trabalho feito com adolescentes. É um livro que é interessante porque ele é teórico e

prático o tempo todo. Ele dialoga com a prática, teoriza, é uma delícia.

**Martina:** Agradeço a presença de todos, agradeço a presença dos convidados também e gostaria de dizer que o Instituto Fonte e a Fundação Itaú Social, longe de quererem encontrar uma fórmula para a solução dessa questão querem é trazer um pouco mais de clareza para os termos, as variáveis, que estão presentes nessa discussão da integração de métodos e que talvez a gente tenha, dentro do campo da avaliação, respondido muito rapidamente a essa pergunta... porque “ah, então faz tudo porque resolve”... Então a ideia era qualificar um pouco mesmo, o que é isso da integração.